

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

ANDRÉ IZAIAS GARUS PRODELIK

DITONGAÇÃO DIANTE DE /S/ NO INTERIOR PAULISTA:
ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

PONTA GROSSA
2023

ANDRÉ IZAIAS GARUS PRODELIK

DITONGAÇÃO DIANTE DE /S/ NO INTERIOR PAULISTA:
ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para a obtenção do título de Licenciado em
Letras - Português/Francês – pela
Universidade Estadual de Ponta Grossa, área
de Língua Portuguesa e Linguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Cristina do
Carmo

PONTA GROSSA

2023

ANDRÉ IZAIAS GARUS PRODELIK

DITONGAÇÃO DIANTE DE /S/ NO INTERIOR PAULISTA:
ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

(Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Português/Francês – pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de Língua Portuguesa e Linguística).

Ponta Grossa, 6-7 de novembro de 2023.

Prof.^a Dr.^a Márcia Cristina do Carmo - Orientadora
Doutora em Estudos Linguísticos
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Prof.^a Dr.^a Charlott Eloize Leviski
Doutora em Linguística
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Prof.^a Dr.^a Marina Chiara Legroski
Doutora em Letras
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Agradecimentos

Não me considero bom com agradecimentos, na realidade não sei como agradecer a todos que participaram deste processo de escrita ou de percurso acadêmico. Sempre páro e penso que uma ou duas páginas em um trabalho acadêmico jamais seriam o suficiente para isso. Porém, acho importante usar este espaço mais pessoal para reconhecimento destas pessoas que sempre me acompanharam, algumas antes da Universidade, outras durante, nestes quatro anos em que estou neste ambiente. Então, vamos lá...

Primeiramente, agradeço à minha mãe, não apenas por haver me criado, me mostrado as ferramentas de sobrevivência no mundo, mas por sempre confiar em meu potencial, até em momentos em que eu não confiava em mim mesmo. Obrigado por ser minha âncora neste período caótico, belo, turbulento e cheio de altos e baixos chamado Universidade.

Depois, agradeço à minha orientadora Márcia Cristina do Carmo, não apenas por guiar e orientar este trabalho, mas por ter me aceitado como orientando em 2021 pelo PIBIC e ter me mostrado as ferramentas do mundo acadêmico. Sinto que não posso fazer jus muitas vezes à pesquisa, e não sei nunca se meus trabalhos serão o suficiente, mas sempre serei grato por sua compreensão. Também, sempre me lembrarei das fofocas, das piadas, e até mesmo da companhia durante os plantões na disciplina de Morfo I durante a pandemia. Você foi muito mais do que apenas uma orientadora ou professora de uma disciplina no primeiro ano, foi uma verdadeira mentora.

Gostaria de agradecer à banca que avaliou este trabalho: professoras Dr.^a Charlott Eloize Leviski e Dr.^a Marina Chiara Legroski. Sei que foram profissionais e pontuais na correção deste trabalho. Espero que tenham gostado.

Agradeço de forma geral à Universidade Estadual de Ponta Grossa pelo acolhimento desde 2020. Venho passando por várias lutas dentro deste ambiente seja de forma física ou remota. A Universidade Pública é um bem coletivo ao qual sinto orgulho de pertencer e de defender sempre que posso e devo. Nunca me esquecerei das muitas lembranças que me deixou, lar de alegrias, tristezas e momentos de tensão e acolhida.

Agradeço aos professores do curso de Licenciatura em Letras de modo geral, que estiveram comigo em todos estes anos. Poderia eu destacar vários que moldaram meu jeito de agir como docente, e contribuíram para meu

crescimento profissional e pessoal. Foi uma alegria imensa trocarmos conversas, risadas, experiências e sabedoria dentro desse campo. Se serei professor futuramente, saibam que vocês foram meus modelos e inspirações.

Agradeço à minha amiga Fabiana, por desde antes de eu entrar neste ambiente chamado UEPG, ter sempre posto fé em mim mesmo quando estava perdido. Obrigado por me oferecer o teto quando preciso fazer algo em Ponta Grossa, por estar comigo quando passei no vestibular, me tranquilizando e me xingando ao mesmo tempo por conta dos meus nervos. Agradeço por sempre estar presente de alguma forma, fazendo o possível para me ajudar, e desde antes de eu entrar na Universidade, sendo alguém que sempre torceu por mim.

Agora, agradeço ao grupo de Fonética e Fonologia da UEPG, o qual me rendeu muitas risadas e tranquilidade. Sempre ouço que o ambiente acadêmico e de pesquisa é solitário, e vocês provaram que não é, ou não precisa ser. Sempre dizem que o ambiente acadêmico é de muito ego e competição às vezes dentro de uma mesma área, e vocês mostraram que não precisa ser. Então, obrigado à Tayná pelas inúmeras conversas a respeito de *The Sims*, corais e música; obrigado Izabelly pelos desabafos nos corredores e sempre me salvar com livros; obrigado Roberto pelas conversas na ESLIN em momentos em que estive tenso; obrigado Gabi pelas caronas até a UEPG, piadas e encontros no corredor; obrigado Brenda pelas inúmeras piadas, memes, gosto musical compartilhado e também risos envolvendo correções de trabalhos; e obrigado Geruza por ter sido minha companheira de Iniciação Científica por dois anos, sempre me apoiando em entregas de relatórios e apresentações de trabalhos. Todo mundo ali impactou minha formação acadêmica de forma positiva, que jamais poderei esquecer.

Dentro desse grupo, preciso destacar ele, João, que surgiu na minha vida com uma disciplina que fizemos juntos e nunca mais largou. Alguém que sempre que estou triste me faz rir com piadas, e é um prazer fazê-lo rir também em suas tristezas. Alguém que entrou na minha vida compartilhando os mesmos surtos que os meus, e com um coração totalmente belo e compreensivo em relação às inseguranças. Terminamos nossos trabalhos neste contexto acadêmico juntos e, honestamente, sendo um irmão de orientação como foi nestes anos, não poderia haver alguém melhor para compartilhar esse percurso. Obrigado por ser você sempre.

Passo para os agradecimentos ao 4 NC ou 4º ano de Francês, uma turma que começou relativamente grande e agora está pequena, mas com laços extremamente firmes. Não poderia ter caído em uma turma melhor, podemos ser apelidados de muitas coisas, como a turma mais querida, o QG do Partido Comunista da UEPG, enfim, várias formas. Agradeço a todos que estão comigo neste quarto ano, de um por um, com seu jeito específico e característico. Christofer, obrigado pelos inúmeros memes com calvície, e modificações de provérbios populares; Mayrus, pelas inúmeras discussões a respeito de política, e falarmos mal do capitalismo, junto de recomendações de filmes; Júlia, pelas voltas de Uno até o Rei do Pastel, e imitações do meme do Rodrigo Góes; Victória por compartilhar o aniversário comigo, e as diversas piadas de duplo sentido; Fabi, por me emprestar pelúcias quando preciso, e por sempre estar lá rindo, perdida com minhas piadas; Carol, que só conheci este ano, mas com quem foi uma alegria dividir as aulas de Francês. Obrigado por rirem ao meu lado, me abraçarem em meu desespero e sempre comemorarem junto minhas vitórias.

E não poderia deixar de destacar aquela que, no primeiro ano, aceitou o fardo de ser minha amiga e, durante este tempo, criamos um vínculo de irmãos real, no caso, a Alana. Obrigado por nunca desistir de mim, por sempre ver o meu melhor quando eu não vejo, e por todos os momentos em que me senti fraco ou quis desistir, seu “tá tudo bem?” de repente tornava as coisas menos pesadas. Você é um verdadeiro anjo, e eu, que sou cético a muitas coisas, acredito nisso completamente. Ter você em minha vida e especialmente nesses momentos tornou as coisas mais leves, e com certeza eu não estaria aqui, ou não teria chegado tão longe, sem a sua ajuda.

Encerro esta parte de agradecimentos um pouco tímido, sem saber se mereço tanto carinho que cada pessoa mencionada aqui me proporcionou nestes anos, mas feliz de poder tatuar, como diria a Brenda, cada um de vocês neste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar o fenômeno fonético-fonológico variável de ditongação diante de /S/ na região do interior paulista, mais especificamente de São José do Rio Preto. Essa ditongação ocorre quando um *glide* é inserido antes de /S/ em posição de coda silábica, como em *l[uj]z* e *Jes[uj]s*. Para isso, analisamos três grupos de fatores extralinguísticos/sociais (sexo/gênero, faixa etária e escolaridade) e o mesmo número de variáveis linguísticas (número de sílabas por palavra, tonicidade da sílaba e vogal antecedente). No aporte teórico, embasamo-nos em: (i) sociolinguística variacionista, com Labov (2008 [1972]) e Tarallo (1986); (ii) conceitos fonético-fonológicos, como relatados em Cristóforo Silva (2011), Bisol (1996) e Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) para compreendermos o que é um *glide* e como ocorre a formação de ditongos; (iii) estudos de ditongação diante de /S/ em outras regiões, como a fronteira do Brasil e Paraguai, relatada por Carlos e Carmo (2018), Amapá, encontrada em Sanches e Pereira (2020), e Bahia, descrita por Silva (2021); (iv) estudos acerca do funcionamento do banco de dados Iboruna, encontrado em Gonçalves (2019). Em relação à metodologia, elencamos 12 inquéritos presentes no banco de dados Iboruna de acordo com a escolha de três variáveis sociais: *sexo/gênero* (masculino e feminino), *faixa etária* (16-25 anos, 26-35 anos e 36-55 anos) e *escolaridade* (primeiro ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Superior). Após a realização da coleta de dados, utilizamos o programa *Goldvarb X* para o cálculo estatístico das variáveis elencadas. Quanto aos resultados encontrados, percebemos que a probabilidade de ocorrência da ditongação diante de /S/ é maior em monossílabos tônicos (*mas, fez, três*) e que as vogais /e/ (*cês, vez*) e /ɛ/ (*dez, através*) precedentes atuam também como fatores mais prováveis para a aplicação do fenômeno. Quanto às variáveis sociais, destacamos a *escolaridade*, com a aplicação da ditongação sendo mais provável na fala de informantes menos escolarizados.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria e análise linguística; Teoria da variação e mudança linguística; Fonética e fonologia; ditongação diante de /S/; variáveis linguísticas e extralinguísticas.

ABSTRACT

This work aims to analyze the variable phonetic-phonological phenomenon of diphthongization before /S/ in the inland of São Paulo State, more specifically in São José do Rio Preto. This diphthongization occurs when a glide is inserted before /S/ in a syllabic coda position, e.g. l[uj]z ('light') and Jes[uj]s ('Jesus'). In order to do this, we analyzed three extralinguistic/social variables (sex/gender, age group and education) and the same number of linguistic variables (number of syllables per word, syllable stress and antecedent vowel). In terms of theoretical support, we are based on: (i) variationist sociolinguistics, with Labov (2008 [1972]) and Tarallo (1986); (ii) phonetic-phonological concepts, as reported in Cristóforo Silva (2011), Bisol (1996) and Seara, Nunes and Lazzarotto-Volcão (2015) to understand glide and diphthongs; (iii) studies of diphthongization before /S/ in other regions, e.g. the border of Brazil and Paraguay, reported by Carlos and Carmo (2018), Amapá, found in Sanches and Pereira (2020), and Bahia, described by Silva (2021); (iv) studies on the Iboruna database, found in Gonçalves (2019). Regarding the methodology, we listed 12 speech samples present in the Iboruna database according to the selection of three social variables: sex/gender (male and female), age group (16-25, 26-35 and 36-55 years old) and education (first cycle of Elementary Education and Superior Education). After data collection, we used the Goldvarb X program for the statistical calculation of the listed variables. Regarding the results, we noticed that the probability of diphthongization occurring before /S/ is greater in stressed monosyllables (mas 'but', fez 'did', três 'three') and that the precedent vowels /e/ (cês 'you', vez 'turn') and /ɛ/ (dez 'ten', através 'through') also act as more likely factors for the application of the phenomenon. As for social variables, we highlight education, with the application of diphthongization being more likely in the speech of less educated informants.

KEYWORDS: *Linguistic theory and analysis; Theory of linguistic variation and change; Phonetics and Phonology; Diphthongization before /S/; extralinguistic and linguistic variables.*

SUMÁRIO

1 Introdução	9
2 Fundamentação Teórica	11
2.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística	11
2.2 Ditongação diante de /S/	13
3 Material e Métodos	21
3.1 Comunidade de fala	21
3.2 Banco de dados Iboruna	22
3.3 Variáveis investigadas	25
3.4 Procedimentos de coleta	27
4. Resultados e discussões	29
5. Considerações Finais	36
Referências	38
APÊNDICE	40

1 Introdução

O presente trabalho objetiva analisar como o processo de ditongação diante de /S/ se comporta dentro da variedade do interior paulista. Para tanto, baseia-se na Sociolinguística variacionista proposta por Labov (2008 [1972]) e em fundamentos fonético-fonológicos descritos por Bisol (1996), por exemplo.

Labov (2008 [1972]) descreve que a sociolinguística analisa a forma como os elementos linguísticos e extralinguísticos influenciam como as pessoas falam. Ou seja, como elementos linguísticos e sociais do local em que o falante está inserido condicionam a sua fala. Dentro dessa abordagem, há alguns elementos essenciais, relatados também por Tarallo (1986), que aborda as definições de *variantes* e *variáveis*; a primeira sendo as diferentes formas de se dizer algo, e a segunda sendo um conjunto dessas diferentes formas e elementos linguísticos ou não-linguísticos relatados por Labov. Dessa forma, podemos ter variáveis como faixa etária, sexo, entre outras.

Já a fonética e fonologia são descritas por Bisol (1996) como portadoras de objetos diferentes, com uma relação entre si. A fonética é focada no estudo da fala pensando em sua articulação, em como o aparelho fonador produz os sons que nós utilizamos na fala. Também, a fonética pode estudar os sons em suas propriedades acústicas, com a descrição de suas propriedades físicas, como eles se produzem ou propagam, e são recebidos auditivamente. Já a fonologia, por sua vez, estuda como esses sons se organizam e se estruturam em suas respectivas línguas.

Passando para o processo de ditongação diante de /S/, objeto analisado neste trabalho, Cristófaró Silva (2011) o define como a inserção de um *glide* após um segmento vocálico, transformando um monotongo em ditongo. Exemplos deste fenômeno são o caso de *luz* ser pronunciado como *l[uj]z* e *Jesus* ter a pronúncia *Jes[uj]s*. Fizemos, também, um aporte teórico de textos que retrataram este tema em outras regiões do Brasil, como o de Carlos e Carmo (2018), que analisam variedades da fronteira do Brasil e Paraguai, Sanches e Pereira (2020), que discorrem sobre o fenômeno no Amapá, e Silva (2021), a qual analisou a ditongação diante de /S/ na Bahia.

Com estes estudos, conseguimos formular algumas hipóteses e perguntas para serem respondidas no decorrer deste trabalho: (i) quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam como condicionadores desse

processo de ditongação na variedade estudada?; (ii) esse fenômeno se encontra em variação estável ou mudança em progresso?; (iii) quais as vogais mais ou menos suscetíveis para a ocorrência ou não deste processo? Com essas questões norteadoras, também embasamo-nos no texto de Carlos e Carmo (2018), que relata que a inserção do *glide* ocorre majoritariamente em itens monossilábicos. Também, o texto de Silva (2020), em sua análise da região da Bahia, afirma que as vogais [e] e [ɛ], como, respectivamente, em *m[ej]s* e *d[ɛj]z*, são as mais suscetíveis de ditongarem.

Logo, a hipótese inicial deste trabalho era a de que a inserção do *glide* ocorresse, na variedade do interior paulista, majoritariamente em itens monossilábicos e na presença da vogal média-baixa [ɛ] e média alta [e]. Destacamos, também, que nos restringiremos apenas às vogais *orais* no Português Brasileiro (PB), excluindo as *nasais*, o que será justificado no capítulo de Material e métodos.

Em relação à contribuição à área de estudos, esperamos que este trabalho, de forma mais abrangente, contribua para discussões envolvendo estudos linguísticos e fenômenos fonético-fonológicos variáveis. De forma mais específica, esperamos contribuir com os diversos estudos acerca da ditongação diante de /S/ nas diversas falas no PB. Também, pretendemos que este estudo se torne relevante junto de outras pesquisas acerca da variedade da comunidade de fala do noroeste paulista.

A estrutura deste trabalho se dá da seguinte forma: no capítulo 2, têm-se a apresentação e o aprofundamento da fundamentação teórica levantada para a realização deste TCC. No capítulo 3, são expostos os materiais e métodos utilizados, como o banco de dados Iboruna (GONÇALVES, 2007), aspectos da comunidade de fala analisada e as variáveis investigadas. No capítulo 4, temos os resultados e discussões acerca dos dados coletados. Por fim, no capítulo 5, são apresentadas as considerações finais, com as referências e o apêndice em sequência.

2 Fundamentação teórica

Em relação à fundamentação teórica deste trabalho, apresentamos as seguintes seções: 2.1, Teoria da Variação e Mudança Linguística; e 2.2, ditongação diante de /S/.

2.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

Para discorrermos sobre as questões teóricas por trás da Teoria da Variação e Mudança Linguística, embasaremos-nos em Labov (2008 [1972]), com seu livro *Padrões Sociolinguísticos*, e Tarallo (1986), com sua obra *A pesquisa sociolinguística*.

Labov (2008 [1972]) aborda o estudo da língua e de seus aspectos estruturais dentro de uma comunidade de fala, sob um viés social. Pensando nessa questão, Labov (2008 [1972]) define alguns objetivos da sociolinguística: entender como os fatores linguísticos e extralinguísticos se correlacionam para que o falante opte por uma determinada forma de falar. O autor também comenta a necessidade de coletar bons dados, e de utilizar aparelhos de gravação eficientes.

Para a definição de *comunidade de fala*, Labov (2008 [1972]) diz:

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos lingüísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (LABOV, 2008 [1972], p. 150).

Ou seja, para Labov (2008 [1972]), é importante para uma comunidade de fala ter certa homogeneidade em relação ao comportamento dos sistemas abstratos de variação que seja compartilhado, envolvendo a participação dos falantes.

Prosseguimos para o *paradoxo do observador*, como definido por Labov (2008 [1972]), que relaciona a questão de obter bons dados de fala enquanto as pessoas não estão sendo sistematicamente observadas. Porém, em um contexto de entrevista gravada, os falantes apresentam a tendência de monitorar sua fala. Então, o autor relata que uma das formas de superar esse paradoxo é

com procedimentos com os quais a atenção do falante se desvie e seu vernáculo emerge. Tarallo (1986) discorre sobre um desses procedimentos com a coleta de narrativas de experiência pessoal. Desse modo, o pesquisador neutralizará a ideia de monitoração por meio de perguntas da vida cotidiana, que farão com que o informante se sinta envolvido emocionalmente com as histórias que conta, causando o estímulo vernacular. Para este trabalho, que utilizará o banco de dados Iboruna (GONÇALVES, 2007), mais bem descrito em Gonçalves (2019) no terceiro capítulo, temos um exemplo de estruturamento mais aprofundado dessas entrevistas.

Abordando questões estruturais, Labov (2008 [1972], p. 275), define uma variável sociolinguística da seguinte forma: “Podemos definir uma variável sociolinguística como correlacionada com alguma variável não-lingüística do contexto social: o falante, o interlocutor, o público, o ambiente etc.”. Nesse caso, Labov (2008 [1972]) deixa explicitado que os *indicadores*, ou traços linguísticos, são distribuídos de forma regular entre os diferentes grupos socioeconômicos, étnicos e etários, que são utilizados por cada falante de forma semelhante independentemente do contexto. Caso haja um certo ordenamento hierárquico entre os indicadores, definimos como *estratificados*. Já os *marcadores* são variáveis sociolinguísticas mais desenvolvidas, que, além da distribuição social, apresentam diferenciação estilística. O autor também comenta as questões de norma¹ e comportamento dessa estrutura. Nesse caso, o autor mostra que as reações positivas ou negativas a determinados estilos e variedades de fala refletem fortemente a atitude da comunidade em si diante de determinada variante. Nessas relações de normas, podemos perceber, por exemplo, quais variantes são estigmatizadas ou não, por parte de falantes de determinadas classes sociais ou variáveis distintas. Também, dentro dessa relação entre as normas, as quais Labov (2008 [1972]) define como as formas que as pessoas acham que *deveriam* dizer algo, vemos quais variantes possuem ou não um padrão de correção social por parte dos falantes. Logo, vemos que essas reações por parte da comunidade acerca das diferentes normas servem como uma forma de o falante se expressar e opinar em relação à própria língua.

¹ Labov (2008 [1972]) relata que, em relação à norma, a *correção social* explícita é feita de forma irregular, concentrando-se em certos itens lexicais mais frequentes, comparadas à evolução linguística que produziu muitas das variáveis, a qual é bastante sistematizada.

2.2 Ditongação diante de /S/

A ditongação é descrita por Cristófaros Silva (2011) como um fenômeno fonológico em que, após uma vogal, é inserido um *glide*,² ou quando um monotongo torna-se ditongo. Exemplo disso é *português* sendo pronunciado como *portugu[ej]s* no caso de vogais tônicas no final de palavra; também podem acontecer em vogais tônicas com uma consoante palatal em sequência, como é o caso de *peleja* sendo pronunciado *pel[ej]ja*; ou em situações de hiato, como *Andréa* ser enunciado como *Andr[ej]a*, conforme Cristófaros Silva (2011). Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) destacam dois possíveis tipos de ditongo: decrescentes e crescentes. O primeiro consiste na sequência vogal-semivogal (*c[aj]* e *m[aw]*), que apresenta o nome de *ditongo decrescente* por terminar sempre com o segmento de menor proeminência acentual. O segundo tipo de ditongo, as autoras relatam que constituem a sequência semivogal-vogal (*Márc[ja]*), é chamado de *ditongo crescente* por terminar com o segmento de proeminência acentual maior.³ Amaral (2020 [1920]), em sua obra *O dialeto caipira*, relata como as vogais tônicas, de forma geral, não sofrem alteração, destacando somente a presença do /S/ no final dos vocábulos como um causador de ditongação, trazendo mais exemplos, como: *rap[aj]z*, *m[ej]s*, *p[ej]s*, *n[aj]s*, *l[uj]s*.

Com o embasamento do que constitui o processo, passamos para o texto de Carlos e Carmo (2018), que analisam a variação da ditongação diante de /S/ em quatro fronteiras entre Brasil e Paraguai: Terra Roxa, Missal, San Alberto e Santa Rosa de Monday. As autoras prosseguem para a descrição dos itens analisados: os monossílabos tônicos *paz*, *três*, *dez* e *cruz*. Isso é destacado pelas autoras, devido à inserção do *glide* ocorrer majoritariamente em itens monossilábicos. Outro detalhe é essa ditongação não ocorrer na língua espanhola, ainda que haja uma semelhança com o português no nível lexical:

² O *glide* ou *semivogal* é descrito por Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) como a vogal que assume a posição periférica na sílaba na qual ocorre o encontro vocálico, estas sendo normalmente [i] e [u], respectivamente representadas por [j] e [w]. Os *glides* são caracterizados pela menor proeminência acentual comparados às vogais que acompanham. Exemplos retirados do texto são: *c[aj]* e *m[aw]*.

³ Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) relatam que, no ditongo crescente, pela finalização da palavra com o segmento de proeminência acentual maior, há a possibilidade de se constituírem sílabas separadas, formando um *hiato*.

paz, *tres*, *diez* e *cruz* no espanhol, comparados aos monossílabos da língua portuguesa *paz*, *três*, *dez* e *cruz*, respectivamente.

Com isso, Carlos e Carmo (2018) prosseguem para a contextualização do estudo. Delimitaram a região da fronteira internacional entre o Paraná e Paraguai, no caso o oeste paranaense e o departamento del Alto Paraná. Prosseguindo, Carlos e Carmo (2018) explicam a teoria na qual a pesquisa se embasa, chamada de Dialetologia Pluridimensional, que consiste em dimensões distintas de variação linguística. Na pesquisa das autoras, consideram-se as seguintes: (i) *diassexual*, envolvendo o sexo/gênero masculino e o feminino; (ii) *diatrática*, contemplando o Ensino Fundamental completo ou não (classe baixa) e superior completo (classe alta); (iii) *diageracional*, jovens de 18 a 30 anos e idosos de 50 a 65; (iv) *diatópico-cinética*, entre os grupos em mobilidades e grupos estáveis. Já a dialingual mostrou-se presente na composição do questionário, mais bem relatado no parágrafo seguinte, ao envolver aspectos linguísticos provenientes das variedades sulistas e de outras regiões brasileiras.

Posteriormente, dividiram-se oito informantes para cada localidade do Brasil, e doze paraguaias, incluindo homens e mulheres de primeira geração, tendo um total de quarenta pessoas. Para a pesquisa, realizou-se um questionário fonético-fonológico composto de cinquenta e uma questões, que englobam diferentes processos variáveis. Além do processo de ditongação em *paz*, *três*, *dez*, *cruz*, foram incluídos também os seguintes vocábulos: *cama*, *semana*, *miséria*, *café*, *história*, *memória*, *casca*, entre outros, para englobar processos fonético-fonológicos variáveis distintos.

No que diz respeito aos resultados da pesquisa, em Terra Roxa e San Alberto, de acordo com Carlos e Carmo (2018), vemos que, na região brasileira, quatro dos informantes realizam a ditongação, e quatro não aplicam o processo. Comparativamente, em San Alberto, dos doze informantes, quatro fizeram o uso de ditongação, e oito não. Quanto ao sul, ocorreu uma vez tanto em Missal quanto em Santa Rosa Del Monday entre os falantes brasileiros e duas ocorrências por parte dos paraguaios.

Passando para a ditongação em [ej] e [ɛj], Carlos e Carmo (2018) relatam que, em Terra Roxa, apenas dois informantes não a realizaram. Já em San Alberto, sua ausência foi notada entre as mulheres brasileiras/brasiguaias de classe alta. Para o sul, a ausência ocorreu entre as classes altas em Missal, e a predominância entre mulheres de classe baixa. Em Santa Rosa del Monday, o

processo ausentou-se entre homens de classe alta, e paraguaios do sexo masculino. Já entre as mulheres, tornou-se presente em todas as falas. Sobre a ditongação em [uj], Carlos e Carmo (2018) relatam sua presença apenas em San Alberto, mostrando indícios de ser uma variante estigmatizada. Assim, as autoras Carlos e Carmo (2019) concluíram seus estudos com as seguintes considerações: a presença maior em variações nortistas, e as ausências mais recorrentes ao sul. Também, que as vogais [e, ε] favorecem a ocorrência do processo e que a variante [uj] se trata da mais estigmatizada entre as três.

Já o texto de Sanches e Pereira (2020) analisa o processo de ditongação diante de /S/ no estado do Amapá, utilizando conceitos geolinguísticos⁴ e geossociolinguísticos. Primeiramente, os autores comentam sobre a alta frequência do fenômeno e a falta de correspondência em outras variedades da língua portuguesa fora do PB. Também, o texto aborda a dificuldade da delimitação de áreas dialetais, por se tratar de um processo não analisado suficientemente.

Sanches e Pereira (2020) prosseguem para a explicação do processo, envolvendo a tonicidade das vogais, e como ele é mais comum no fechamento de monossílabos com o arquifonema⁵ /S/. Nas ocorrências de ditongação, assimila-se outra vogal no processo articulatorio: *pa[j]s*, *nó[j]s*, *trê[j]s*, entre outros casos. Ainda, o texto comenta sobre as vogais mais suscetíveis, que são: [ε], [e] e [ɔ]; a vogal [a] se comporta de forma neutra; e a [i] de maneira retraída, de modo geral sem especificar uma variedade específica.

Sanches e Pereira (2020) destacam a porcentagem da realização do processo de ditongação diante de /S/, em duas possibilidades: (i) fricativas alveolares [s, z] (*rapa[j]s*, *me[jz]mo*), com 22% de aplicação; (ii) fricativas palato alveolares [ʃ, ʒ] (*rapa[j]ʃ*, *me[jʒ]mo*), tendo 8% de aplicação. Nesses casos, analisam as capitais do Brasil de um modo geral, antes de se aprofundarem na variedade amapaense.

⁴ O texto de Sanches e Pereira (2020) define dois conceitos: a geolingüística e a geossociolingüística: a primeira como uma maneira de explicitar as diferentes realidades dialetais em seus respectivos contextos geográficos e a segunda como uma junção da geolingüística com a sociolingüística, não tratando apenas do campo diatópico, e incluindo variáveis sociais como escolaridade, faixa etária, sexo/gênero e outras dimensões.

⁵ O arquifonema é descrito por Cristóforo Silva (2011) como um termo utilizado pela Escola de Praga para representar casos de neutralização, ou seja, quando os fonemas perdem sua função distintiva. Normalmente, os arquifonemas são representados por letras maiúsculas, como é o caso de /S/ ocorrendo em sibilantes após uma vogal, exemplificado pela autora com *fe/S/ta*. A autora destaca que este arquifonema pode neutralizar /s, z, ʃ, ʒ/.

Subsequentemente, passamos para dados obtidos por Mota e Silva (2012) em relação ao percentual e peso relativo de ocorrências (daqui em diante, PR) de cada capital analisada, as quais podem favorecer ou não a realização do fenômeno: Belo Horizonte (21%), de PR 0.66; Vitória (16%), de PR 0.61; Rio de Janeiro (16%), de PR 0.80; São Paulo (15%), de PR 0.53. Em comparação, a região Sul apresenta as seguintes porcentagens: Curitiba (7%), de PR 0.34; Florianópolis (8%), de PR 0.52; Porto Alegre (4%), de PR 0.23. É ressaltado que não é possível confirmar se o processo é característico das regiões, devido à falta de dados referentes às variedades interioranas, ainda que Mota e Silva (2012) afirmem que é um processo com maior probabilidade de ocorrer na região sudeste, considerando os PRs de Rio de Janeiro (0.80), Belo Horizonte (0.66) e Vitória (0.61).

Complementamos essas informações com os estudos encontrados em Silva (2014) acerca da ditongação, que, de acordo com dados retirados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em 2014, demarcou que nenhuma das variedades das capitais brasileiras alcançou um número igual ou maior do que 50% de aplicações de ditongação diante de /S/. Dentre as capitais, a que alcançou o maior número de variantes ditongadas foi Maceió, com 42%, seguida de Salvador, com 41%. Para efeito comparativo, em 2014, esses dados retirados do ALiB demarcaram 6% de ocorrências em Porto Alegre, comparados a 4% destacados no texto de Mota e Silva (2012).

Retomando Sanches e Pereira (2020), os autores, para a análise da variedade amapaense, dividiram o estudo com amostras de 40 informantes, distribuindo quatro amostras por localidades, as quais são respectivamente: Macapá; Santana; Mazagão; Laranjal do Jari; Pedra Branca do Amapari; Porto Grande; Tartarugalzinho; Amapá; Calçoene; Oiapoque. As variáveis consideradas foram: diassexual (masculino e feminino) e diageracional (de 18 a 30 e de 50 a 75 anos).

Seguindo para os resultados encontrados, Sanches e Pereira (2020) destacaram 83% da realização do fenômeno na fala de amapaenses, que, divididos pelas localidades analisadas, revelam-se da seguinte forma: Macapá e Calçoene tiveram 97% de realização da ditongação diante de /S/ em ambas as localidades; Santana obteve 84% de presença da variante ditongada; Mazagão mostrou 52% de ocorrências; Laranjal do Jari mostrou 87% de casos de ditongação; Pedra Branca do Amapari mostrou 61% de ditongações realizadas;

Porto Grande mostrou 100% de realização da variedade ditongada; Tartarugalzinho obteve 59% de aplicações; Amapá mostrou 94% de realização do processo; e por último, Oiapoque teve 91% de realizações.

Ao analisarem a variável *faixa etária*, Sanches e Pereira (2020) atestaram que, na faixa etária de 18 a 30 anos, foram obtidos 80% de presença da ditongação; enquanto entre 50 e 75 anos o fenômeno mostrou-se presente em 79% das vezes. Isso demonstrou para os autores que, nessa variedade, a faixa etária não representou um fator determinante, pois a diferença foi de apenas 1% entre ambas. Quanto à variável *sexo*, Sanches e Pereira (2020) perceberam 80% de presença e 20% de ausência no falar de pessoas do gênero masculino; observando a fala das mulheres, obtiveram 79% de presença e 21% de ausência de ditongação diante de /S/. Assim, os autores destacam que a variável *sexo* também não possui relevância para a realização do fenômeno.

Prosseguimos a análise da variedade baiana por Silva (2021), que, primeiramente, relata certa oposição dos eixos norte e sul do país para a ocorrência do fenômeno, ao fazer uma análise dos PRs de Salvador, capital da Bahia, e Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. A primeira apresenta o PR de 0.90, extremamente favorecedor para a ocorrência do processo, sendo uma das cidades mais antigas dentre as capitais, enquanto a segunda, pertencente ao extremo-sul do país e incorporada ao Brasil somente nos séculos XVIII e XIX, apresenta o PR de 0.08, mostrando que as realizações ditongadas são pouco prováveis.

Essas observações levantaram algumas hipóteses por parte de Silva (2021) em relação ao fenômeno no Brasil. A autora diz que, aparentemente, o processo é típico de áreas nordestinas, de formação mais antiga, passando por muitos processos de contato entre diferentes comunidades e línguas. Da região nordestina, o fenômeno aparenta ter se espalhado para outros locais como ao Norte, em que se demonstra uma restrição a fatores linguísticos específicos. Nas capitais do Centro-Oeste, Sudeste e Sul, como a autora comenta, “embora haja ditongação, há forte limitação às vogais ditongadas. Essas limitações, em geral, dizem respeito aos contextos linguísticos em que as mesmas ocorrem” (SILVA, 2021, p. 405).

Silva (2021) parte para a análise da ditongação diante de /S/ na Bahia, tendo como *cópus* a fala de nativos de 22 cidades baianas: Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas,

Seabra, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Salvador, Valença, Jequié, Caetité, Castanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz Cabrália e Caravelas.

Em seguida, prossegue para a organização dos sons em sílabas, relacionando as suas forças diretamente ao grau de sonoridade e abertura. A autora diz que, quanto mais longas e abertas forem as vogais, a chance de ditongação diante de /S/ aumenta. Isso se dá devido às divergências acústico-articulatórias entre as vogais, com características mais longas e abertas, e as consoantes em posição de coda, as quais são mais fechadas, transientes e fracas. Com esse contraste, a semivogal acaba por surgir para compensar o núcleo e a coda silábica.

Seguindo para os resultados encontrados em sua pesquisa, Silva (2021) destaca os seguintes: Juazeiro 25% e PR de 0.49; Jeremoabo 23% e PR de 0.40; Euclides da Cunha 27% e PR de 0.51; Barra 21% e PR de 0.41; Irecé 25% e PR de 0.42; Jacobina 29% e PR de 0.55; Barreiras, 26% e PR de 0.53; Alagoinhas 24%, e PR de 0.60; Seabra 26% e PR de 0.58; Itaberaba 28% e PR de 0.59; Santo Amaro 28% e PR de 0.83; Santana 15% e PR de 0.20; Salvador 30% e PR de 0.86; Valença 30% e PR de 0.53; Jequié 21% e PR de 0.47; Caetité 28% e PR de 0.54; Carinhanha 19% e PR de 0.23; Vitória da Conquista 15% e PR de 0.19; Ilhéus 22% e PR de 0.59; Itapetinga 20% e PR de 0.37; Santa Cruz Cabrália 27%, e PR de 0.48; Caravelas 29% e PR de 0.64.

Silva (2021) prossegue à análise desses dados com uma divisão em categorias diferentes: (i) cidades baianas em que os pesos relativos demonstraram ser elevados (acima de 0.70), que é o caso de Salvador e Santo Amaro; (ii) cidades que apresentam pesos relativamente favoráveis à ditongação diante de /S/ (entre 0.64 e 0.58), que é o caso de Alagoinhas e Seabra; (iii) cidades cujos pesos se aproximam a uma neutralidade (entre 0.55 e 0.51), como Caetité e Euclides da Cunha; (iv) cidades em que o fenômeno se encontra de maneira mais restrita por parte dos falantes (entre 0.49 e 0.19), como Vitória da Conquista e Carinhanha.

Destaca, então, os primeiros e últimos grupos para uma análise do comportamento do fenômeno nessas regiões. O primeiro, como Salvador e Santo Amaro, corresponde a cidades que possuem o trânsito de indivíduos frequentes, e características sociais e de vivências que consistem em mais de cinco séculos historicamente. Já o último grupo, que engloba cidades como

Vitória da Conquista e Carinhanha, localizam-se geograficamente em áreas mais distantes da capital e do Recôncavo Baiano. Esse último grupo também possui um histórico vinculado ao movimento dos bandeirantes e tropas originadas do Sudeste brasileiro para a região, e mostra-se apartado das questões socioculturais vindas de Salvador. A autora utiliza essas observações sócio-históricas para confirmar as zonas dialetais diferenciadas, consequências de movimentos sociais distintos no decorrer da história do espaço baiano.

Prosseguindo para as características sociais dos inquiridos, Silva (2021) constatou que o sexo e a faixa etária dos indivíduos demonstraram ser variáveis dispensáveis em relação à ditongação diante de /S/. Mediante os resultados, as diferenças entre homens e mulheres, tanto na primeira faixa etária (18 a 30 anos), quanto na segunda (50 a 65), mostraram-se pequenas diante da possibilidade da realização ou não do processo.

Ao chegar na análise quantitativa dos fatores linguísticos, Silva (2021) mostrou que o processo de ditongação diante de /S/ tipicamente ocorre com maior tendência nas sílabas fortes, como as tônicas, como *satã[naj]s*, e com os núcleos mais abertos, *g[aj]s*, e anteriores, *p[ej]s*. A autora afirma que, em relação aos contextos, os monossílabos são os mais suscetíveis a ditongarem. Silva (2021), então, alega que quanto mais posteriores, menor o número de chances de o fenômeno surgir.

Silva (2021) prossegue para as análises articulatórias da consoante em posição de fim de sílaba, em que ela relata:

No que diz respeito à zona de articulação da consoante em coda silábica, fator constantemente apontado como relevante para o entendimento do fenômeno, verificou-se que as consoantes palato-alveolares, além de serem pouco comuns nas cidades baianas, desfavorecem a aplicação da regra. É diante de -S alveolar que a ditongação vocálica se manifesta com mais expressividade. A observação dessa variável por cidade, contudo, demonstrou que há áreas, como exemplifica, mais uma vez, Salvador, em que a ditongação é favorecida por ambas as consoantes (alveolares e palato-alveolares) (SILVA, 2021, p. 416).

Posteriormente, Silva (2021) confirma que as vogais mais abertas anteriores e centrais favorecem a ditongação, o que contrasta com as posteriores mais elevadas, que, quando ditongam, tendem a ser de forma mais breve, devido

à curta duração dessas vogais. A autora ressalta que as vogais mais alongadas costumam ditongar mais.

Com este embasamento teórico acerca dos estudos anteriores sobre ditongação diante de /S/ em outras regiões do Brasil, podemos prosseguir para o capítulo seguinte deste trabalho, consistindo no material e na metodologia utilizados para a realização da pesquisa.

3 Material e métodos

Para destacarmos o material e os métodos utilizados neste trabalho, dividimos este capítulo em quatro seções: a primeira (3.1) consistindo na apresentação da comunidade de fala analisada; a segunda (3.2) envolvendo o córpus utilizado neste trabalho, correspondente a inquéritos do banco de dados Iboruna; a terceira (3.3) descreve as variáveis analisadas pelo trabalho; e a quarta (3.4), os procedimentos utilizados para a coleta dos dados.

3.1 Comunidade de fala

Tarallo (1986) destaca as questões de delimitar o tipo de comunidade a ser estudada, o seu tamanho, como uma área rural ou urbana e sua industrialização, por exemplo. Esta seção terá como foco detalharmos informações acerca da comunidade sobre a qual analisaremos o processo variável de ditongação diante de /S/.

Logo, passamos para a região de São José do Rio Preto, como mostrado no mapa a seguir:

Figura 1 – Mapa da Região Administrativa de São José do Rio Preto



Fonte: http://www.igc.sp.gov.br/produtos/mapas_ra029b.html?ra=7 Acesso em: 4. out. 2023.

Segundo o *site* da prefeitura de São José do Rio Preto, o município é localizado no interior do estado de São Paulo, a 442 km da capital, cortado pelas rodovias Transbrasiliana, Washington Luís e Assis Chateaubriand. De acordo com o censo de 2022 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de São José do Rio Preto apresenta uma área territorial de 431.944 km², conforme dados de 2022; uma população estimada de 480.439 pessoas e a densidade demográfica de 1.112,27 hab/km². A escolarização dos 6 aos 14 anos de idade é 98% até 2010, e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (2010) (IDHM) chega a 0.797. Dos dados retirados em 2021, o IDEB na rede pública dos anos iniciais do fundamental é de 6,2, e dos anos finais, de 5,4.

O município de Guapiaçu, por sua vez, segundo o *site* de sua prefeitura, obteve independência política e administrativa de São José do Rio Preto em 1953. Segundo o último censo do IBGE (2022), a área da unidade territorial é de 325.126² km e a população é de 21.711 pessoas (2021). A taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade, por sua vez, apresenta o percentual de 98% (2010), e o IDHM (2010) é de 0,725. Dos dados do IDEB de 2021, o IBGE relata apenas de anos iniciais da rede pública do Ensino Fundamental, que é de 5,6.

Por fim, segundo informações do *site* da prefeitura de Bady Bassit, a cidade é localizada a 13 km a Sul-Oeste de São José do Rio Preto, sendo a maior cidade dos arredores. Segundo a prefeitura, o município foi criado em 1959 com o nome de Borboleta, e teve seu nome alterado para Bady Bassit em 1963. De acordo com os dados retirados do censo de 2022 do IBGE, a área territorial é de 110.372², e a população da localidade é de 27.260. A taxa de escolarização dos 6 aos 14 anos é de 98,5% (2010), e o IDHM (2010) chega a 0,746. O IDEB (2021) do município para anos iniciais do fundamental da rede pública é de 5,9, enquanto o número para os anos finais chega a 5,4.

3.2 Banco de dados Iboruna

Gonçalves (2019) detalha o Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP) e o banco de dados Iboruna (GONÇALVES, 2007), expondo a amostra Censo linguístico de parte do noroeste paulista, em torno de São José de Rio Preto. Nessa obra, Gonçalves (2019) discorre sobre algumas finalidades

do banco de dados, como disponibilizar, em meio eletrônico, amostras de fala e/ou escrita para agilizar diversos estudos, com o auxílio de recursos computacionais. Isso possibilita diversas pesquisas linguísticas e uma base de dados para a construção de gramáticas, dicionários e materiais didáticos.

Gonçalves (2019) afirma que o projeto ALIP embasa-se nas tendências funcionalistas ao pensar (i) a linguagem como uma ferramenta comunicacional e (ii) o estudo do uso real da língua, e seus sistemas. O autor também descreve as motivações fundamentais por trás do projeto ALIP:

(i) a abrangência ainda restrita das descrições dialetais do PB; (ii) a qualidade do material disponível em que tais descrições se embasam; (iii) a validade sincrônica de grande parte das amostras disponíveis, algumas com mais de 30 anos, desde sua coleta; (iv) a qualidade acústica das gravações, todas em meios analógicos; (v) o difícil acesso às gravações originais. Além dessas, outra motivação foi a de disponibilizar a pesquisadores um banco de dados anotado com amostras de fala representativa do dialeto do interior paulista, em razão de este ser ainda pouco conhecido em bases científicas, iniciativa que marcou o ineditismo do Projeto, que guardou a preocupação em captar o máximo possível do dinamismo linguístico do PB usado no interior paulista (GONÇALVES, 2019, p. 283-284).

Dos pontos destacados por Gonçalves (2019), gostaríamos de ressaltar que a questão da qualidade acústica não se mostrou presente nos inquéritos analisados neste trabalho. Em vários deles, há uma presença de ruídos, e a qualidade da reprodução do áudio das gravações flutua, em alguns momentos sendo mais alta, e em outros muito baixa. Desse modo, a presente pesquisa realizou uma análise de oitiva dos inquéritos, não sendo possível a condução de análise acústica.

Retomando o banco de dados no interior paulista, Gonçalves (2019) detalha a Amostra Censo, a qual segue os conceitos da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Com esse embasamento, foram divididos 152 perfis sociais nas seguintes cidades: Bady Bassit (4 informantes); Cedral (2 informantes); Guapiaçu (5 Informantes); Ipiguá (1 informante); Mirassol (16 informantes); Onda Verde (2 informantes); e São José do Rio Preto (122 informantes). As variáveis extralinguísticas consideradas são: renda, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Conforme destacado em Gonçalves (2019), as entrevistas são divididas em: narrativas de experiência pessoal (relatos pessoais felizes ou tristes), recontada (o informante reproduz um fato contado por outra pessoa sem o envolvimento do informante no relato),

descrição de local, relatos de procedimentos e opinião (envolvendo temáticas variadas, como escola, família, religião, entre outras). Importante destacar que, antes das gravações, foi assinado um termo de consentimento prévio dos informantes.

Para este trabalho, recortamos 12 inquéritos, separados em dois sexos (masculino e feminino); duas escolaridades distintas (primeiro ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Superior); e três faixas etárias diferentes (16 aos 25 anos, 26 a 35, 36 a 55). Com a combinação resultante desses perfis sociais, tem-se $2 \times 2 \times 3 = 12$, apresentados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Inquéritos analisados

Faixa Etária	Escolaridade	Sexo/gênero	
		Masculino	Feminino
De 16 a 25 anos	1º Ciclo do EF	031	032
	Ensino Superior	055	056
De 26 a 35 anos	1º Ciclo do EF	063	064
	Ensino Superior	087	088
De 36 a 55 anos	1º Ciclo do EF	095	096
	Ensino Superior	119	120

Fonte: Elaboração própria, com base em Gonçalves (2019, p. 286)

Já as Amostras de Interação são definidas por Gonçalves (2019) como gravações secretas feitas em contextos sociais livres, de diálogos espontâneos. Assim, foram feitas sem controle de variáveis sociais, nas 11 amostras coletadas, contendo entre 2 e 5 pessoas nas gravações e posteriormente sendo feito um pedido de consentimento para a validação e armazenamento dessas amostras. Nesta pesquisa, as Amostras de Interação não serão utilizadas, pela ausência de controle das variáveis sociais.

O Projeto ALIP permite um acesso livre ao seu banco de dados, disponível em: <https://alip.ibilce.unesp.br/> (acesso em: 31 ago. 2023), com as transcrições ortográficas das gravações, arquivos de sons e fichas sociais de cada informante (GONÇALVES, 2019). Ademais, o autor relata a importância de bancos de dados organizados sistematicamente para o progresso da pesquisa linguística no Brasil.

3.3 Variáveis Investigadas

Nesta seção, detalhamos melhor as variáveis investigadas: três variáveis sociais/extralinguísticas (sexo, faixa etária e escolaridade) e três linguísticas (quantidade de sílabas, tonicidade da sílaba e vogal antecedente ao /S/).

Em relação às variáveis sociais, procuramos perceber quais dos três grupos de fatores atuam como condicionadores e em quais há ou não probabilidade maior de ocorrer o fenômeno. Como relatado anteriormente, as três investigadas foram: sexo (masculino e feminino); faixa etária (16-25, 26-35, 36-55 anos); e escolaridade (primeiro ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Superior). As diferentes formas como o fenômeno se comportou nas falas dos informantes em relação às variáveis distintas serão detalhadas no decorrer do capítulo seguinte.

Quanto às variáveis linguísticas, que são quantidade de sílabas; tonicidade da sílaba e a vogal antecedente ao /S/ - ou qualidade da vogal, como relata o texto de Leiria (2000) -, serão definidas nos itens a seguir, com exemplos retirados do *cópus* deste trabalho:

A *tonicidade da sílaba* é a quantidade de sílabas de cada um dos dados coletados (monossílabos, dissílabos, trissílabos e polissílabos), e em quais desses itens o fenômeno de ditongação diante de /S/ atuou como mais ou menos relevante para o processo, e que possui probabilidade maior ou menor de aplicação.

- Monossílabos: palavras com uma sílaba apenas, por exemplo *dez*, *três*, *mas*.
- Dissílabos: vocábulos com duas sílabas, como: *duas*, *atrás*, *rapaz*.
- Trissílabos: palavras de três sílabas, é o caso de: *plástico*, *Caparroz*, *mudamos*.
- Polissílabos: palavras de quatro sílabas ou mais, exemplificado com: *plastiquinho*, *começamos*.

Sobre a *tonicidade da sílaba*, optamos por essa variável para perceber se a probabilidade maior de aplicação do fenômeno ocorre: nas sílabas tônicas, postônicas ou em *clíticos*. Durante a coleta de dados deste trabalho, do material coletado, tivemos apenas uma ocorrência de pretônica, que, por questões de

*knockout*⁶ no programa *Goldvarb X* (relatado na seção posterior), optamos por amalgamar com as tônicas (isso será melhor comentado no próximo capítulo). A seguir, temos uma breve definição de cada fator, com alguns exemplos:

- Tônica: quando a sílaba suscetível à ditongação é a sílaba mais forte. Exemplos: *português, japonês, dez, atrás*.
- Postônica: quando a aplicação ou não do fenômeno ocorre após a sílaba tônica. Exemplificados com: *dormitórios, novecentos, cômodos*.
- Clíticos: quando a aplicação ou não da ditongação diante de /S/ ocorre em, por exemplo, *as, os, das, dos, nas, nos*.

Quanto à *vogal antecedente ao /S/*, foi investigada levando em consideração o texto de Leiria (2000), que nomeia essa variável como *Qualidade da vogal*.

A ditongação, conforme Foley (1977, p. 86), por ser um processo de fortalecimento, ocorre preferencialmente com vogais fortes. Essa afirmação baseia-se no Princípio de Desenvolvimento Inercial, segundo o qual os processos de fortalecimento ocorrem primeiro em elementos fortes e mais preferencialmente em ambientes fortes, e os processos de enfraquecimento, ao contrário, ocorrem primeiro com elementos fracos e mais preferencialmente em ambientes fracos. Segundo o autor, nas línguas latinas, /a/ é a vogal mais forte, e /i/, a mais fraca (LEIRIA, 2000, p. 135).

Logo, selecionamos esse fator para analisarmos em quais das diferentes vogais o fenômeno de ditongação demonstra ter uma menor ou maior probabilidade de aplicação. A seguir, temos exemplos de cada vogal:

- Vogal /a/: teve sua ocorrência em vocábulos como *paz, mas, trás, duas*.
- Vogal /e/: como é o caso de *vocês, mês, três, vez*.
- Vogal /o/: exemplificada em casos como: *os, arroz, anos, olhos*.
- Vogal /ɔ/: que surgiu em vocábulos exemplificados em: *nós, Caparroz*.
- Vogal /ɛ/: presente em vocábulos como *dez, através*.
- Vogal /u/: que ocorre em casos como: *ônibus, produz, reproduz, luz*.

⁶ Isso é devido ao fato de que o programa *Goldvarb X* não consegue ler um dado como 100% ou 0% de aplicação, sempre que há essas ocorrências chamamos de *knockout*.

3.4 Procedimentos de coleta

Metodologicamente, relatamos na primeira seção deste capítulo detalhes sobre a comunidade de fala investigada. Prosseguimos, então, para a descrição do banco de dados Iboruna, e das variáveis que estamos considerando neste trabalho. Por fim, para encerrar este capítulo de metodologias, serão descritos os procedimentos de coleta de dados.

Primeiramente, foram selecionadas as 12 entrevistas do banco de dados Iboruna, com base nas variáveis extralinguísticas relatadas nas seções 3.2 e 3.3 respectivamente, considerando as 3 faixas etárias (16-25, 26-35 e 36-55 anos), as duas escolaridades (primeiro ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Superior) e os dois sexos (masculino e feminino).

Posteriormente, passamos para a coleta dos dados, em que foram utilizados tanto as entrevistas transcritas impressas, como as gravações. Começamos observando cada transcrição para procurarmos quaisquer palavras cujas sílabas terminassem em /S/ para grifar no papel. Com as transcrições grifadas, escutamos todas as gravações a fim de perceber se tais palavras destacadas na folha ditongavam ou não, realizando, portanto, uma análise de oitiva.

No decorrer da escuta dessas entrevistas, montamos uma tabela contendo todos os dados coletados, os informantes, a aplicação ou não do fenômeno, sexo do informante, faixa etária, escolaridade, a quantidade de sílabas contidas na palavra, a tonicidade do vocábulo e a qualidade da vogal.

Durante o desenvolvimento dessa tabela, excluímos alguns casos específicos terminados em /eS/, como *eles*, *deles*, *aqueles* por serem pronunciados foneticamente com [ɪ], não sendo possível identificar ditongações ou não por meio de uma análise de oitiva.

Também, optamos por analisar apenas as vogais *orais* do PB, pela discussão sobre as vogais nasais ser bastante complexa, e não haver um consenso entre os autores que as estudam, como relatado em Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015):

Existe uma corrente (Câmara Jr., 1977) que considera que o sistema fonológico do PB possui apenas sete vogais orais e que a vogal nasal seria bifonêmica, ou seja, constituída por um segmento vocálico oral seguido de um segmento consonantal nasal ([m n ŋ]),

fonologicamente representado pelo arquifonema /N/. Essa consoante nasal assimila o traço relativo ao ponto articulatório da consoante seguinte, conforme exemplificado anteriormente. Há, porém, uma outra corrente (Head, 1964; Pontes, 1972; Back, 1973) que argumenta que o sistema fonológico do PB comporta sete vogais orais e cinco nasais. Ou seja, haveria palavras que se distinguem apenas pela nasalidade da vogal (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 109).

Por fim, com a tabela pronta, passamos para a revisão dos dados coletados, e fizemos o cálculo estatístico das porcentagens e dos pesos relativos. Para a realização desse cálculo, utilizamos o programa *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2023 [2005]), para obtermos dados numéricos exatos de aplicação ou não, envolvendo cada uma das variáveis consideradas.

4 Resultados e discussões

Em relação aos resultados que obtivemos no decorrer desta pesquisa, organizamos diferentes tabelas a respeito dos percentuais e dos PRs de cada uma das variáveis e dos fatores escolhidos para este trabalho.

Em relação à estrutura das tabelas que serão apresentadas neste capítulo (com exceção da primeira, que relata as ocorrências gerais de aplicação ou não de ditongação), elas são divididas em: a variável analisada (podendo ser *sexo/gênero*, por exemplo); as ocorrências de ditongação, ou seja, quando o processo foi aplicado; as ocorrências totais, somando as aplicações com os dados em que a ditongação não foi aplicada; a porcentagem de aplicações; os PRs, que são mais bem explicados no parágrafo seguinte.

O PR consiste no cálculo de probabilidade de ocorrência ou não do processo a ser analisado dentro das variáveis escolhidas, que podemos exemplificar da seguinte forma: quando o resultado do PR for maior que 0.500 e mais distante (por exemplo: 0.900), ele será considerado como de probabilidade elevada de aplicação da ditongação diante de /S/. Em comparação, quando o resultado do PR for menor do que 0.500 e mais distante (exemplo: 0.100), ele será considerado como de probabilidade baixa da aplicação do fenômeno linguístico. Já, quanto mais próximo de 0.500 (podendo ser tanto 0.460 ou 0.540, por exemplo), será dito que o fator se comporta de maneira neutra. Essa neutralidade pode ser tanto levemente favorecedora, quando um pouco maior do que 0.500 (por exemplo, 0.540) ou relativamente desfavorecedora (como 0.460).

Como relatamos no capítulo de Material e Métodos, optamos por amalgamar o dado *plastiquinho*, isto é, de sílaba pretônica, com o de sílabas tônicas, devido ao fato de, na palavra *plástico*, a sílaba com o /s/ ser tônica. Logo, *plastiquinho* mantém a tonicidade da palavra da qual ela deriva, ao mesmo tempo em que o sufixo *-inho* possui suas próprias propriedades tônicas. Por essa razão, devido ao *knockout* gerado pelo programa *Goldvarb X*, amalgamamos *plastiquinho* como o fator relativo às sílabas tônicas.

Tabela 1 - Ocorrências gerais

	Ocorrências	Porcentagens
Aplicação	708	52,4%
Não aplicação	644	47,6%
Total	1.352	100%

Fonte: O autor

Primeiramente, observando as ocorrências gerais, sem a separação por variáveis, podemos perceber que, dos dados coletados, pouco mais da metade, no caso 52,4%, foi de aplicações da ditongação, como em *chin[ej]s*. Dos 1.352 dados totais – presentes no Apêndice deste TCC –, 708 foram de ocorrências do processo, e 644 de ausências, como em *arr[o]z*. Nos parágrafos posteriores, destacaremos não só a ocorrência em determinadas variáveis, mas também a probabilidade de aplicação (indicada pelo PR).

Tabela 2 - Ocorrências de ditongação em relação ao *sexo/gênero*

	Ocorrências de ditongação	Ocorrências totais	Porcentagens	PR
Feminino	232	531	43,7%	0.364
Masculino	476	821	58%	0.589
Total	708	1.352	52,4%	

Fonte: O autor

Em relação à variável *sexo/gênero*, podemos perceber primeiramente que o PR do sexo feminino apresenta resultados baixos (PR=0.364), mostrando que a probabilidade de ocorrência na fala de mulheres não é alta. Em comparação, na fala dos homens, tivemos PR=0.589, que mostra que o processo se comportou de forma neutra, porém levemente favorecedora da aplicação do processo. Vemos, assim, pelo PR, que o processo de ditongação diante de /S/ para *sexo/gênero* se mostra mais provável na fala de homens. Sobre o percentual, na mesma direção, a tabela 2 mostra 43,7% de ocorrências de ditongação na fala das mulheres (232 de 531). Já na fala dos homens, 58% (476 de 821) aplicaram o fenômeno.

Tabela 3 - Ocorrências de ditongação em relação à *faixa etária*

	Ocorrências de ditongação	Ocorrências totais	Porcentagens	PR
De 16 a 25	147	299	49,2%	0.460
De 26 a 35	404	743	55%	0.569
De 36 a 55	157	310	50,6%	0.376
Total	708	1.352	52,4%	

Fonte: O autor

Passando para a variável *faixa etária*, observamos que tanto a primeira (16 a 25 anos) e a intermediária (26 a 35), possuem um comportamento relativamente neutro para a probabilidade de aplicação, de maneiras distintas. A

primeira faixa etária mostrou-se neutra de uma maneira levemente desfavorecedora (PR=0.460), enquanto, na intermediária, a sua neutralidade é exposta como parcialmente favorecedora (PR=0.569). Em comparação, a última faixa etária (36 a 55) obteve um PR baixo como resultado (PR=0.376), indicando uma probabilidade mais baixa de aplicação do fenômeno.

Quanto às porcentagens, a faixa etária dos 16 a 25 aplicou o processo em 49,2% de suas falas (147 de 299 totais), a faixa etária intermediária ditongou diante de /S/ em 55% dos dados coletados (404 de 743), enquanto a última faixa etária, dos 36 aos 55, aplicou o processo de ditongação em 50,6% dos dados coletados (157 de 310).

Tabela 4 – Ocorrências de ditongação em relação à *escolaridade*

	Ocorrências de ditongação	Ocorrências totais	Porcentagens	PR
Primeiro ciclo do Ensino Fundamental	394	580	67,9%	0.706
Ensino Superior	314	772	40,7%	0.341
Total	708	1.352	52,4%	

Fonte: O autor

Na variável *escolaridade*, vemos um contraste entre as duas investigadas (primeiro ciclo do Ensino Fundamental e superior). O primeiro ciclo do Ensino Fundamental mostrou-se como de grande probabilidade de aplicação do fenômeno com um PR alto (PR=0.706). Já observando o PR do Ensino Superior (PR=0.341), percebemos que a probabilidade de ocorrência da ditongação diante de /S/ é mais baixa, comparada à do primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Quanto às porcentagens de dados coletados, novamente na mesma direção, 67,9% do primeiro ciclo do Ensino Fundamental ditongou em suas falas (394 de 580 dados), enquanto no Ensino Superior 40,7% aplicaram o processo (314 dados de 772).

Tabela 5 – Ocorrências de ditongação em relação ao *número de sílabas*

	Ocorrências de ditongação	Ocorrências totais	Porcentagens	PR
Monossílabos	642	899	71,4%	0.740
Dissílabos	49	326	15%	0.106
Trissílabos	14	107	13,1%	0.120
Polissílabos	3	20	15%	0.176
Total	708	1.352	52,4%	

Fonte: O autor

Começando a análise dos fatores linguísticos, quanto ao *número de sílabas*, podemos perceber uma discrepância bastante elevada entre os monossílabos em relação ao restante. De maneira geral, tanto os dissílabos (PR=0.106), como trissílabos (PR=0.120) ou polissílabos (PR=0.176), mostraram baixa probabilidade de aplicação de ditongação diante de /S/, como indicam os PRs entre parênteses. Em comparação, os monossílabos surgem com um PR bastante elevado (0.740), indicando que a probabilidade de ocorrência de ditongação diante de /S/ seja sobretudo em itens monossilábicos.

Observando o percentual, vemos que, dos dados monossilábicos, 71,4% aplicaram a ditongação (642 de 899); dos dissílabos, tivemos 15% de ocorrências da variante ditongada (49 de 326); dos trissílabos 13,1% dos dados coletados ditongaram (14 de 107); já em relação aos polissílabos, apenas 15% dos dados ditongaram (3 dados de 20).

Tabela 6 – Ocorrências de ditongação em relação à *tonicidade da sílaba*

	Ocorrências de ditongação	Ocorrências totais	Porcentagens	PR
Tônicas	693	911	76,1%	0.799
Postônicas	10	293	3,4%	0.137
Clíticos	5	148	3,4%	0.008
Total	708	1.352	52,4%	

Fonte: O autor

No fator *tonicidade da sílaba*, novamente vemos números bastante distantes uns dos outros. O PR dos clíticos primeiramente se mostra extremamente baixo (PR=0.008), destacando que é altamente improvável que a ditongação em elementos como *os, as, nas, das* ocorra. Passando para as postônicas, o PR ainda mostra resultados desfavoráveis à probabilidade de ocorrência (PR=0.137), indicando que é pouco provável que haja ditongação nesses contextos. Já analisando as tônicas, percebemos um PR alto (0.799),

indicando que as sílabas com probabilidade grande de ditongar são as mais fortes. Dessa forma, vemos que apenas a sílaba tônica se comporta como favorecedora da aplicação.

Observando as porcentagens, vemos que tanto os clínicos quanto as sílabas postônicas ditongaram em apenas 3,4% dos dados coletados (os clínicos em 5 de 148 e as postônicas 10 de 293). Já as tônicas ditongaram em 76,1% (693 de 911).

Tabela 7 – Ocorrências de ditongação em relação à *vogal antecedente*

	Ocorrências de ditongação	Ocorrências totais	Porcentagens	PR
Vogal /a/	338	718	47,1%	0.516
Vogal /o/	7	170	4,1%	0.178
Vogal /e/	247	263	93,9%	0.898
Vogal /ɔ/	78	149	52,3%	0.082
Vogal /ɛ/	30	32	93,8%	0.757
Vogal /u/	8	20	40%	0.160
Total	708	1.352	52,4%	

Fonte: O autor

Passando para a variável *vogal antecedente*, observamos que /ɔ/ possui o PR menor (0.082), indicando baixa probabilidade de ditongação (casos como *Caparr[ɔj]z*, *n[ɔj]s*). As vogais /u/ (*l[uj]z*, *prod[uj]z*) e /o/ (*arr[o]z*) também mostram PRs baixos (/u/ PR=0.160, /o/ PR=0.178), dando indícios de que também são vogais com baixa probabilidade de condicionarem a aplicação do fenômeno. A vogal /a/ (*m[aj]s*, *atr[aj]s*), por sua vez, comporta-se de maneira relativamente neutra em relação à probabilidade (PR=0.516). Já as vogais /e/ e /ɛ/ mostraram uma discrepância maior em relação às outras, dando indícios de ser mais provável que o processo de ditongação ocorra na presença dessas vogais (/e/ PR=0.898, /ɛ/ PR=0.757).

Observando os percentuais, 93,9% e 93,8% dos dados das vogais /e/ e /ɛ/ ditongaram (247 de 263 da primeira vogal, 30 de 32 da segunda). Em relação à vogal /a/, 47,1% das ocorrências ditongaram (correspondendo a 338 de 718). Quanto à vogal /o/, apenas 4,1% dos dados coletados tiveram aplicação de ditongação (7 de 170). Quanto à vogal /ɔ/, obtivemos 52,3% de ocorrências nos dados coletados (78 de 149). Por fim, na vogal /u/, 40% dos dados ditongaram (8 de 20).

Analisando as questões relacionadas à probabilidade de aplicação do processo, percebemos que as vogais /e/ (PR=0.898) e /ɛ/ (PR=0.757) são as que atuam como condicionadoras mais fortes para que a ditongação diante de /S/ ocorra. Também percebemos que as sílabas *tônicas* (PR=0.799) e os *monossílabos* (PR=0.740) se mostraram como fatores primordiais para a probabilidade de ditongação ocorrer. Dos fatores sociais/extralinguísticos, dentro do fator *escolaridade*, as pessoas com o primeiro ciclo do Ensino Fundamental (PR=0.706) se mostraram como de maior possibilidade de ditongarem suas falas.

Observando dentro das variáveis os elementos que se comportaram de forma relativamente neutra, podendo ser levemente favorecedor ou desfavorecedor, verificamos que, dentro da variável *faixa etária*, tanto a de 16 a 25 anos (PR=0.460) quanto a segunda (26 a 35) (PR=0.569) mostraram-se relativamente neutras em espectros diferentes, com a primeira sendo de probabilidade relativamente menor, e a segunda um pouco mais provável. Já em relação aos elementos linguísticos, a vogal /a/ mostrou certa neutralidade (PR=0.516) para a aplicação do fenômeno.

Passando para os elementos que denotaram menor probabilidade de ditongação, dentro da variável *sexo/gênero*, a fala de mulheres mostrou um PR baixo (PR=0.364), denotando que é menos provável que ocorra o fenômeno no gênero feminino. Prosseguindo para a variável *faixa etária*, a única que não se comportou de forma neutra foi a dos 36 aos 55 anos, a qual apresentou também um PR baixo (PR=0.376), enquanto na *escolaridade* o PR nos mostrou que pessoas de Ensino Superior tendem a ditongar menos (PR=0.341). Já dentro dos elementos linguísticos, primeiramente observamos que, com exceção dos monossílabos, os outros vocábulos com um número de sílabas maior apresentaram PRs muito baixos em itens dissílabos (PR=0.106), trissílabos (PR=0.120) e polissílabos (PR=0.176). O que podemos perceber é que a ditongação nesses contextos ocorreu em vocábulos específicos como *prod[uj]z*, *gravid[ej]z*, *atr[aj]s* por exemplo. A seguir, no fator *tonicidade da sílaba*, conseguimos notar que as postônicas (PR=0.137) mostraram-se também pouco favorecedoras da aplicação do fenômeno, enquanto nos clíticos (PR=0.008) a probabilidade é quase nula. Por fim, sobre a qualidade da vogal, é notável como

os PRs das vogais /ɔ/ (PR=0.082), /o/ (PR=0.178) e /u/ (PR=0.160) mostraram que essas vogais são desfavorecedoras para a aplicação do fenômeno.

Com isso, podemos perceber, embasados em Labov (2008 [1972]), que o fenômeno apresenta um certo estigma social na variedade analisada, ao observarmos as variáveis *sexo/gênero* e *escolaridade*. Isso se deve ao fato de que, como o autor comenta, é comum pessoas mais escolarizadas e mulheres optarem pela variante com maior prestígio social.

5 Considerações Finais

O presente TCC analisou o fenômeno fonético-fonológico variável de ditongação diante de /S/ na comunidade de fala do noroeste paulista, sendo mais específico na região de São José do Rio Preto. Investigamos como três grupos de fatores extralinguísticos/sociais (sexo/gênero, faixa etária e escolaridade) e três variáveis linguísticas (número de sílabas por palavra, tonicidade da sílaba e vogal antecedente) se comportam para a ocorrência ou não do fenômeno.

Sendo assim, primeiramente, fizemos o levantamento do referencial bibliográfico necessário para a construção deste trabalho, que engloba questões da sociolinguística variacionista e fonética e fonologia, também procuramos materiais que relatassem o funcionamento do banco de dados Iboruna, utilizado para a coleta dos dados. Depois de os dados serem coletados, utilizamos o programa *Goldvarb X* para o cálculo estatístico acerca de cada uma das variáveis.

O que obtivemos por meio desses resultados foram algumas questões que já esperávamos dentro da introdução, como a confirmação da hipótese inicial de que a ditongação diante de /S/ possui uma probabilidade maior de ocorrer em monossílabos tônicos (*mas, faz, mês, fez*) antecidos pelas vogais /e/ e /ɛ/ (*cês, dez*). Dentro dessa análise de probabilidade, percebemos que, no fator sexo/gênero, na fala de mulheres o fenômeno se comporta como desfavorecedor, enquanto na fala de homens a possibilidade de ditongar é relativamente neutra. Observando a questão da faixa etária, conseguimos perceber certa neutralidade nas duas primeiras elencadas, e um desfavorecimento na última, que consiste em pessoas acima da faixa dos 35 anos. Já no fator escolaridade, conseguimos observar que pessoas menos escolarizadas tendem a ditongar mais, o que, juntamente com a variável sexo/gênero, parece apontar para um estigma social em relação às formas ditongadas.

Com essas observações, percebemos que, dentro desses contextos específicos, a ditongação diante de /S/ acaba sendo um fenômeno bastante presente na fala da região de São José do Rio Preto, levando em conta que mais da metade dos dados coletados foram de aplicação do processo: 52,4%.

Com esses resultados em mente, esperamos que este trabalho contribua para os estudos linguísticos de variação presentes na região do interior paulista,

especificamente na questão de mostrar como o fenômeno de ditongação diante de /S/ se comporta dentro da comunidade de fala. Também, a expectativa é que este trabalho contribua para as pesquisas acerca de ditongação diante de /S/ no PB falado em todo o Brasil, de modo geral. Por fim, outro ponto de expectativa é que, no nível de pesquisa sociolinguística, este TCC se mostre relevante, detalhando o funcionamento do processo variável.

Referências

- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020 [1920].
- BADY BASSIT. **Prefeitura de Bady Bassit**, 2023. Disponível em: <https://badybassitt.sp.gov.br>. Acesso em: 22 set. 2023.
- BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos da fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: Edicpurs, 2001 [1996].
- CARLOS, V. G.; CARMO, M. C. Ditongação variável diante de /S/ em coda silábica na fronteira Brasil/Paraguai. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 238-254, jul.-dez. 2018. DOI: 10.35520/diadorim.2018.v20n2a18310. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/18310>. Acesso em: 8 ago. 2022.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GONÇALVES, S. C. L. **Banco de dados Iboruna**: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. 2007. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) e banco de dados Iboruna: 10 anos de contribuição com a descrição do português brasileiro. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 48, n. 1, p. 276-297, 2019. DOI: 10.21165/el.v48i1.2430. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudoslinguisticos/article/view/2430>. Acesso em: 8 ago. 2022.
- GUAPIAÇU. **Prefeitura de Guapiáçu**, 2023. Disponível em: <https://guapiacu.sp.gov.br>. Acesso em: 22 set. 2023
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/pt/inicio.html>. Acesso em: 20 set. 2023.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LEIRIA, L. L. A DITONGAÇÃO VARIÁVEL EM SÍLABAS TÔNICAS FINAIS TRAVADAS POR /S/. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, 2012. DOI: 10.22456/2238-8915.30201. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30201>. Acesso em: 10 set. 2023.
- MOTA, J; SILVA, A. O vertical e o horizontal no português falado nas capitais das regiões Sul e Sudeste do Brasil: a ditongação diante de /S/. In: CARDOSO, S; MOTA, J; PAIM, M. (Org.) **Documento 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador, Vento Leste: Universidade do Estado do Federal da Bahia/Instituto de Letras, 2012. Acesso em: 16 abr. 2023

PREFEITURA RIO PRETO. **Prefeitura de São José do Rio Preto**, 2023. Disponível em: <https://www.riopreto.sp.gov.br>. Acesso em: 20 set. 2023.

SANCHES, R. D.; NUNES PEREIRA, A. Ditongação de vogais diante de /S/ no português falado no Amapá. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 74–92, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/8026>. Acesso em: 16 abr. 2023.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X: a Variable Rule Application for Macintosh and Windows**. 2023 [2005]. Department of Linguistics, University of Toronto.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, A. R. **A ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas trilhas das capitais brasileiras**. 2014. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador: UFBA, 2014. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25688>. Acesso em: 16 jun. 2023

SILVA, A. R. DO ALiB AO ALiB: O ESTUDO DA DITONGAÇÃO DIANTE DE -S EM DIFERENTES TEMPOS. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 68, p. 394–426, 2021. DOI: 10.9771/ell.v0i68.41953. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/41953>. Acesso em: 17 abr. 2023.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986. 95 p.

APÊNDICE

Vocábulo	Ocorrências totais	Ocorrências com ditongação
<i>algumas</i>	1	0
<i>aliás</i>	4	1
<i>almofadas</i>	1	0
<i>amigos</i>	2	0
<i>anos</i>	5	0
<i>apenas</i>	1	0
<i>aquelas</i>	5	0
<i>arroz</i>	56	3
<i>as</i>	69	0
<i>às</i>	2	1
<i>atrás</i>	17	17
<i>através</i>	1	0
<i>aulas</i>	1	0
<i>avenidas</i>	1	0
<i>barzinhos</i>	2	0
<i>boas</i>	2	0
<i>bonitas</i>	1	0
<i>bonitonas</i>	1	0
<i>brancas</i>	1	0
<i>c'as</i>	2	0
<i>c'os</i>	1	0
<i>Caparroz</i>	1	1
<i>cartaz</i>	2	1
<i>carteiras</i>	1	0
<i>casas</i>	6	0
<i>casos</i>	1	0
<i>cês</i>	5	5
<i>cestas</i>	1	0
<i>chegamos</i>	3	0
<i>chinês</i>	1	1
<i>coisas</i>	12	0
<i>começamos</i>	1	0
<i>cômodos</i>	2	0
<i>condomínios</i>	1	0
<i>cortinas</i>	1	0
<i>crianças</i>	7	0
<i>crianças</i>	1	0
<i>cruz</i>	2	0
<i>danças</i>	1	0
<i>das</i>	22	3
<i>defeitos</i>	1	0
<i>delas</i>	1	0
<i>descemos</i>	4	1
<i>desde</i>	7	5
<i>dessas</i>	3	0
<i>dez</i>	31	31

<i>dias</i>	5	0
<i>Domingas</i>	2	0
<i>dormitórios</i>	1	0
<i>dos</i>	9	0
<i>duas</i>	44	1
<i>duzentos</i>	1	0
<i>elas</i>	9	0
<i>Elmaz</i>	1	1
<i>esperamos</i>	1	0
<i>essas</i>	10	0
<i>ex-cunhada</i>	3	3
<i>faz</i>	72	71
<i>férias</i>	4	0
<i>fez</i>	30	30
<i>ficamos</i>	1	0
<i>filhas</i>	5	0
<i>filhos</i>	1	0
<i>firmas</i>	1	0
<i>fomos</i>	6	0
<i>frutas</i>	1	0
<i>gemas</i>	2	0
<i>graças</i>	2	1
<i>gramas</i>	3	0
<i>gravidez</i>	2	2
<i>horas</i>	18	0
<i>íamos</i>	1	0
<i>invés</i>	1	0
<i>japonês</i>	2	2
<i>jazz</i>	2	0
<i>lados</i>	1	0
<i>luz</i>	4	3
<i>malas</i>	1	0
<i>mas</i>	231	221
<i>matérias</i>	1	0
<i>menos</i>	2	0
<i>mês</i>	34	34
<i>mesma</i>	1	0
<i>mesmo</i>	3	0
<i>minhas</i>	3	0
<i>missanguinhas</i>	2	0
<i>modernas</i>	1	0
<i>modernonas</i>	1	0
<i>montanhas</i>	2	0
<i>mudamos</i>	1	0
<i>muitas</i>	2	0
<i>muitos</i>	1	0
<i>naquelas</i>	1	0
<i>nas</i>	11	0
<i>nos</i>	11	1
<i>nós</i>	146	77

<i>novecentos</i>	1	0
<i>olhamos</i>	1	0
<i>olhos</i>	1	0
<i>ondas</i>	3	0
<i>ônibus</i>	6	0
<i>os</i>	29	0
<i>outras</i>	3	0
<i>outros</i>	3	0
<i>palavras</i>	1	0
<i>partidos</i>	1	0
<i>pas</i>	4	0
<i>paz</i>	4	0
<i>pedras</i>	5	0
<i>pedrinhas</i>	1	0
<i>pegamos</i>	1	0
<i>pelas</i>	1	0
<i>perfeitas</i>	2	0
<i>pessoas</i>	4	0
<i>pintadas</i>	1	0
<i>piscinas</i>	1	0
<i>plástico</i>	1	0
<i>plásticos</i>	1	0
<i>plastiquinho</i>	1	0
<i>poemas</i>	1	0
<i>políticas</i>	1	0
<i>portas</i>	1	0
<i>português</i>	7	5
<i>pôs</i>	2	2
<i>poucos</i>	3	0
<i>pras</i>	3	0
<i>primeiras</i>	1	0
<i>problemas</i>	1	0
<i>produz</i>	3	3
<i>quantas</i>	2	0
<i>quatrocentos</i>	1	0
<i>quinhentos</i>	1	0
<i>rapaz</i>	5	5
<i>reproduz</i>	1	1
<i>revistas</i>	1	0
<i>salas</i>	3	0
<i>Santos</i>	1	0
<i>semanas</i>	1	0
<i>talvez</i>	6	5
<i>telhas</i>	1	0
<i>timidez</i>	1	1
<i>tipos</i>	1	0
<i>tirinhas</i>	4	0
<i>tivemos</i>	1	0
<i>todas</i>	6	0
<i>todos</i>	3	0

<i>travas</i>	1	0
<i>traz</i>	2	2
<i>três</i>	94	94
<i>umas</i>	10	0
<i>us</i>	1	1
<i>vagas</i>	3	0
<i>várias</i>	12	1
<i>vários</i>	1	0
<i>vezes</i>	1	0
<i>vitaminas</i>	1	0
<i>vitimas</i>	1	0
<i>vocês</i>	6	5
<i>voltas</i>	1	0
<i>xícaras</i>	6	0